

No Estado do Rio — *Clube*
ESTADO DE SÃO PAULO
**O veneno comunizante
da minoria marxista**
JAN 1966

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Aqui no Rio, onde os effluvios políticos de Brasília chegam com surpreendente intensidade, comenta-se à boca pequena o novo engodo que os radicais de esquerda na Constituinte estão passando nos inocentes do Centro. De fato, essa turminha da canhota é de uma habilidade de Mandrake quando se trata de ludibriar os leiros parlamentares conservadores, representantes da maioria absoluta, sem dúvida, mas sem o menor jogo de cintura. E é incrível, eles sempre perdem para a minoria marxista, por puro desleixo. Agora mesmo, estamos vendo esse Diário de Constituinte, retransmitido obrigatoriamente por quase todas as grandes emissoras de rádio e televisão do País, destilando seu veneno comunizante e estatizante com a maior disposição nas barbas dos congressistas do centro. E só ligar a TVE do Rio, por exemplo, no horário nobre das 20h30, e verificar que o Diário da Constituinte só dá destaque aos deputados e senadores da esquerda xilita, em detrimento da opinião dos parlamentares da maioria centrífuga do Congresso.

Por que tem de ser assim? No caso da Comissão de Sistematização deu-se a mesma manutenção dos manipuladores minoritários da esquerda radical, ditando regras e formulando projetos marxistas, enquanto o centro, adormecido, ia absorvendo os golpes sem dizer nada. Um dia, alguns liberais mais ousados, comprometidos com a verdadeira democracia e com a liberdade de mercado, deram o grito de alerta que resultou no nascimento do Centro, para combater o autoritarismo esquerdistante. Ainda que tardivamente, a maioria passou a agir como maioria, o que não é favor nenhum.

O espernejar dos vermelhos

Enquanto isso, assiste-se ao mais desabrido espernejar dos xilitas do PMDB contra a nomeação do interino Malhão da Nóbrega para o cargo de ministro da Fazenda. Coisa curiosa essa contestação a um dos raros gestos sérios e resolutos do presidente Sarney. Até que se promulgue uma nova Constituição neste País, a lei que está valendo é a que assegura ao presidente nomear seus ministros livremente, sem precisar consultar ninguém. No regime que ainda vige, os ministros são funcionários do presidente da República, de sua confiança direta, e como tal são escolhidos e nomeados. No caso de Malhão da Nóbrega, há até um dado que o credencia acima de qualquer outro nome do cenário atual. Ele é um técnico, um funcionário de carreira integrado há muitos anos no próprio Ministério da Fazenda, de quem tem sido excelente servidor, graças à sua própria competência. Ora, quando Sarney o confirmou no cargo, só fez o que era de justiça e de necessidade.

Sarney experimentou ser presidente da República de verdade, e foi. Viu

que é fácil, depende de mandar fazer o ato e ordenar sua publicação no Diário Oficial. Se tivesse agido assim, com tanto resolução, desde o início de seu mandato — e não ao sabor dos humores do "clube da poeira", dos cupinchas do dr. Ulysses ou da patota do MRS da Roseana — talvez as coisas não estivessem tão pretas quanto estão agora. A esquerda radical só tem servir-se dos cargos que abraçou na divisão do bumbum da Nova República. E só trouxe problemas e dores de cabeça ao presidente Sarney. Ainda é tempo de sua excelência firmar-se no ponto certo do comando desta nau churrada Brasil. No centro, na defesa da economia de mercado, da livre empresa, da livre iniciativa. No combate aos burocratas retrógrados e imobilizantes, aruipiciados com marxistas do estatismo. Uma boa vassourada nos marajás que sugam o sangue das estatais. Uma rajada de demissões de empresários do governo que já revelaram sua incompetência. Um corte drástico nos gastos públicos, muitos deles inquestionavelmente desnecessários. Livre-se dos marxistas, presidente Sarney, e talvez consiga terminar seu mandato com algum aplauso deste povo que tanta confiança depositou em suas mãos! De uma "limpa" no Ministério do Planejamento, da Previdência Social e da Saúde, que estão prestando ser desratizados.

Segundo Escrutínio

O povo brasileiro nunca viu uma eleição de dois turnos. Vai ver agora. Os franceses já usam o sistema há muito tempo. Desixante Ballottage na terra de De Gaulle, quer dizer uma segunda votação ou segundo escrutínio, para decidir por maioria absoluta quem será o presidente (ou governador) entre os dois mais votados do primeiro escrutínio (onde entram muitos candidatos para essa pré-seleção). Ora, o tempo que vai decorrer entre o primeiro turno de votação e o segundo será, obviamente, muito curto. Um mês, no máximo. Vejam quanta coisa curiosa pode acontecer.

Digamos que no primeiro escrutínio das nossas próximas eleições para presidente da República entrem dez ou doze candidatos, de Antônio Ermírio de Moraes a Brizola, de Aurélio Chaves ao Lula, de Mário Covas a José Richa, de Arreia a Maluf, de Fernando Collor a Antônio Carlos Magalhães. Suponhamos que no final da primeira apuração sobrem dous: Antônio Ermírio com 20% do eleitorado e Brizola com 18%. Os outros, com votações menores, saem de pares. E vão ter que oferecer apoio a um lado ou outro, se não quiserem ficar na chuva. Nesta hora do segundo escrutínio, os políticos terão que mostrar suas caras. Acabou aquela história de ser oportunista, em clima de muro, negociando com a esquerda e com a direita. Por exemplo, um tipo como Fernando Henrique Cardoso, esse dandy que brinca de esquerda festiva vai ter que ir para o palanque do Brizola com o Lula.

Leônidas Negrão